

**REMINISCÊNCIAS DO HERÓI ROMANESCO:
O DESPERTAR DOS SENTIDOS NA LEMBRANÇA E A MEMÓRIA
INVOLUNTÁRIA**

**REMINISCENCES OF THE ROMANESQUE HERO:
THE AWAKENING OF THE SENSES IN THE REMEMBRANCE AND THE MEMORY
INVOLUNTARY**

Adriana Dusilek*
Márcio Roberto Pereira**

Resumo: O texto aborda a representação da memória em alguns narradores de romances brasileiros, de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto, a *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub, focando duas importantes questões: a relação entre recordação e o despertar dos sentidos e o surgimento da memória involuntária. Tais matérias permeiam várias áreas do conhecimento, como a filosofia, a antropologia e a psicologia. Por isso, paralelamente ao modo como é elaborado o discurso do narrador, que reflete sobre a reminiscência, serão discutidos alguns pressupostos teóricos, recorrendo a intelectuais como Platão, Aristóteles, Paul Ricoeur, Henri Bergson, Marcel Proust, Walter Benjamin, entre outros.

Palavras-chave: Reminiscência; Romance; Memória involuntária; Narrador; Metamemória.

Abstract: This paper discusses the representation of the memory in some narrators of Brazilian novels, of *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), by Lima Barreto until *Diário da Queda* (2010), by Michel Laub, focusing on two important issues: the relationship between memory and the awakening of the senses and the appearing of the involuntary memory. Such themes permeate several areas of the human knowledge, such as philosophy, anthropology and psychology. Therefore, at the parallel to the way how the discourse of the narrator is prepared, reflecting on reminiscence, this essay also discuss some theoretical assumptions, using intellectuals such as Plato, Aristotle, Paul Ricoeur, Henri Bergson, Marcel Proust, Walter Benjamin, among others.

Keywords: Reminiscences; Novel; Involuntary memory; Narrator; Metamemory.

* Doutora em Literatura e Vida Social (Unesp/Assis). É uma das organizadoras do livro *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos (volume I e volume II)*, pela Editora da Unesp. No prelo: *Metamemória e romance*.

** Doutor em Literatura e Vida Social (Unesp/Assis), pós-doutor pela Unesp de Araraquara e docente na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis).

Quando era criança
 Vivi, sem saber,
 Só para hoje ter
 Aquela lembrança.

É hoje que sinto
 Aquilo que fui.
 Minha vida flui,
 Feita do que minto.

Mas nesta prisão,
 Livro único, leio
 O sorriso alheio
 De quem fui então.
Fernando Pessoa

Na leitura de variados romances brasileiros que possuem como traço comum o herói que rememora, foi possível detectar um tipo de narrador que, mais do que simplesmente contar suas histórias e reminiscências, discorre sobre o próprio ato de relembrar. Procura, entre outras coisas, definir a memória, questionar sua utilidade, afirmar ou negar a possibilidade de ser “fiel”, pela relembração e/ou pela narrativa, ao já vivenciado. Essa performance do narrador, ou esse procedimento, é uma metamemória. Falar sobre a própria ou alheia lembrança, ou sobre a lembrança em si, é fazer metamemória; é ter um discurso metamemorialístico.

A metamemória ficcional, ou narrativa, é um recurso verificado desde o século XIX, embora uma maior ocorrência, pelo menos no Brasil, seja percebida na década de 30¹ e na contemporaneidade.

Neste artigo o recorte será dado a duas das muitas abordagens ficcionais sobre as memórias: a associação entre ter uma lembrança e experienciar emoções correlatas às do passado, e o surgimento da chamada “memória involuntária”, expressão desenvolvida por Marcel Proust (1871-1922) em sua fenomenal obra *Em Busca do*

¹ Muitos romances memorialistas apareceram nessa década, e, dentre eles, alguns com discurso metamemorialístico. Em *O Tempo Vivo da Memória*, Ecléa Bosi se pergunta se “O movimento de recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento?” (BOSI, 2003, p. 16) E responde que “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”. (BOSI, 2003, p. 16). Eliane Zagury (1945-), em *A escrita do eu* (1982), revela que entre os anos de 1931 e 1935 havia um total de 76 títulos literários de base autobiográfica. Afirma ainda que, naquele momento, haveria um pendor do público para a vida pretérita de pessoas de prestígio.

Tempo Perdido, e retomada em outros momentos. Essa expressão se tornará um dos conceitos trabalhados pelos estudiosos da memória.

1 Recuperando o conceito de memória

A lembrança não é uma realidade e sim uma operação: não existe lembrança, nós nos lembramos. Nós nos lembramos captando em alguma coisa que nos esteja sendo dada uma outra coisa que não nos é dada: a significação do passado. (POUILLON, 1974).

Antes de desenvolver esses dois tipos de metamemória, é interessante que se retome o próprio conceito de memória. Para tanto, será utilizado o auxílio da filosofia e da antropologia. Antes, porém, é bom que se mencione o olhar da mitologia, segundo o qual a memória era uma divindade.

Como se sabe, o homem, antigamente, acreditava que os fenômenos da natureza, bem como os sentimentos e as faculdades humanas eram manifestações de alguma divindade. Na antiga Grécia, por exemplo, assim como se cria que Zeus era quem lançava os relâmpagos, Zéfiro soprava o vento, o sentimento do amor vinha do poder de Afrodite, a faculdade humana da memória era um atributo da deusa Mnemósine. Filha do céu (Urano) e da Terra (Geia), e mãe das musas da arte, Mnemósine tinha o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Sua filha Calíope, musa da epopeia, incitava a memória dos cantadores (aedos) para que esses se lembrassem dos grandes feitos dos heróis. Mnemósine também aparece como uma fonte, fazendo par com o rio do reino dos mortos, o Lete, que funciona como a fonte do esquecimento².

Segundo Adolfo José de Souza Frota, a filosofia foi “uma das responsáveis pelo desaparecimento dos deuses. Na Grécia de Aristóteles, Sócrates e Platão, mesmo com a morte de Zeus e de outros deuses, Mnemósine continuou existindo, entretanto, mais como um conceito do que como uma divindade” (FROTA, 2010).

² Tais informações foram tiradas do artigo “Por uma mitologia literária da memória e do esquecimento: o papel da narrativa memorialista nos contos sobre Seymour Glass”, de Adolfo José de Souza Frota. <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero44/mitglass.html>

Na filosofia de Platão (427 a.C. – 347 a.C.) se observa a manifestação a respeito da memória e da reminiscência. Em *Fedro*, ao citar uma personagem de uma lenda egípcia³, Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.) diz:

Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. (PLATÃO, s/d, p. 262)

Aqui a memória é citada como capacidade para se repetir o vivido, ou seja, capacidade de memorização; capacidade essa que perderia muito com a escrita, já que a escrita passaria a ter a função de guardar o vivenciado, enfraquecendo a memória (como capacidade de memorização), ainda que auxiliando a recordação. Assim, em vez de remédio, a escrita seria um veneno. Por outro lado, se o objetivo da escrita é instruir, e não se gabar de uma boa oratória (cosmético), ele a aprova:

Os melhores discursos escritos são os que servem para acordar as lembranças dos conhecedores; só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma sobre o que é justo, belo e bom, somente nelas se encontra uma força eficaz (...) (PLATÃO, s/d, p. 267).

Em outro diálogo, no *Fédon*, a reminiscência seria uma lembrança vaga do ideal do belo, do justo e do verdadeiro que vislumbramos antes de nascer:

Suponhamos que, tendo-o adquirido antes de nascer, ao nascer o perdemos, mas, depois, usando os sentidos em relação àquelas coisas, readquirimos os mesmos conhecimentos que em época anterior possuíamos; nesse caso, o que chamamos aprender não seria readquirir um conhecimento já nosso? Quando damos a isso o nome de reminiscência, não estamos acertando? (PLATÃO, 1999, p. 160)

Apesar de Platão ter afirmado que a escrita é desvio, afastamento, enxergando-a como um *pharmakon* artificial, a professora e filósofa suíça Jeanne Marie Gagnebin (1949-)⁴ levanta a hipótese de que o impulso para filosofar em Platão “provém não só de uma ‘busca da verdade’, meio abstrata, mas também da necessidade, ligada a essa busca, de defender a memória, a honra, a glória, o *kléos* do herói/mestre morto, Sócrates”

³ Sócrates cita a resposta de Thamuz a Thoth – ambos seriam deuses e governadores de regiões do Egito, e quando Thoth apresenta a Thamuz uma de suas invenções, a escrita, este desabona tal invenção.

⁴ Desde 1978 a professora reside no Brasil e é hoje livre-docente na área de Teoria Literária, na Unicamp.

(GAGNEBIN, 2006, p. 196). De fato, Platão precisará se servir da artificialidade desse *pharmakon*, que é a escrita, para defender a memória de Sócrates e instruir pelas palavras do mestre. Nesse caso o uso da escrita se torna remédio.

Santo Agostinho (470-399), em *Confissões*, faz uma interpretação cristã da concepção platônica da reminiscência como uma lembrança do mundo das Ideias. Para ele, a memória pode ser concebida como vastos palácios “onde estão os tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie” (AGOSTINHO, 1984, p. 267). E a memória é que colocaria o homem mais perto de Deus.

Santo Agostinho define dois tipos de memória: a sensitiva e a intelectual. A sensitiva seria um conjunto de imagens produzidas a partir da percepção dos sentidos. Já a memória intelectual, superior à sensitiva, não estaria relacionada às imagens, mas à realidade. Assim, Deus teria colocado o conhecimento de tudo no espírito humano no momento de seu nascimento, e este não aprenderia os conceitos, mas se lembraria deles a partir de um determinado estímulo (AGOSTINHO, 1984, p. 270-1).

Nos *Parva Naturalia*⁵ Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) tem uma definição para a memória bastante clara:

[...] la memoria no es ni la sensación ni una concepción del espíritu, sino que es la posesión o la modificación de una de las dos, cuando transcurre el tiempo. No hay memoria del momento presente en el momento mismo, como se há dicho anteriormente, sino que la sensación se refiere al presente, la esperanza al porvenir y la memoria al pasado. (ARISTÓTELES, 1993, p. 67).

Assim, é o transcorrer do tempo que permite o estado de surgimento da memória. O tempo é, pois, condição e empecilho para o exercício da memória: condição, já que sem ele não há memória; empecilho, já que com ele, e quanto mais ele passa, a tentativa de vivenciar a memória se torna mais difícil.

O filósofo grego ainda faz uma distinção entre memória e reminiscência:

⁵ *Parva Naturalia* (título convencional em latim primeiramente usado por Egídio Romano: "pequenos tratados sobre a natureza") é uma coleção de sete obras elaboradas por Aristóteles sobre o corpo e a alma: Da Sensação e do Sensível (De Sensu et Sensibilibus); Da Memória e Reminiscência (De Memoria et Reminiscentia); Do Sono e da Vigília (De Somno et Vigilia); Dos Sonhos (De Insomniis); Da Adivinhação pelo Sonho (De Divinatione per Somnum); Da Longevidade e Brevidade da Vida (De Longitudine et Brevitate Vitae); Da Juventude e da Velhice, Da Vida e da Morte, Da Respiração (De Juventute et Senectute, De Vita et Morte, De Respiratione). http://pt.wikipedia.org/wiki/Parva_Naturalia Acessado em 10/04/2013.

La memoria difiere de la reminiscencia no solamente por lo que se refiere al tiempo, sino porque, en los animales fuera del hombre, muchos tienen memoria, mientras que ningún animal, por así decirlo, posee la reminiscencia, excepción hecha del hombre. La causa de este privilegio es que la reminiscencia es una especie de silogismo. En efecto, el que tiene una reminiscencia infiere que anteriormente él ha visto o escuchado alguna cosa o experimentado alguna impresión semejante, y es como una especie de búsqueda. Pero, esto ocurre naturalmente y solo a aquellos seres que poseen la facultad de querer, pues la voluntad es una especie de razonamiento. (ARISTÓTELES, 1993, p. 78-9)

Dessa forma, por ser “uma espécie de silogismo”, a reminiscência é pertinente apenas ao ser humano, enquanto a memória pode ser uma propriedade dos animais em geral, já que esta não implica busca, e sim uma espécie de condicionamento automático.

A reminiscência como característica exclusiva ao homem é também mencionada por S. Tomás de Aquino (1225-1274):

“Como dirá Tomás de Aquino, ‘o homem não possui, como os outros animais, apenas a memória, que consiste na lembrança imprevista do passado, mas também a reminiscência, que é quase fazer silogismos buscando a lembrança do passado’ (Tomás de Aquino, *Summa Theologica* I, Q 78,4)” (APUD ROSSI, 2010, p. 16).

É sabido que Tomás de Aquino foi bastante influenciado pela filosofia aristotélica, e que um de seus méritos foi sintetizar a visão cristã com a visão aristotélica do mundo⁶.

As seguintes palavras de Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar escrever esquecer*, lembram também o filósofo grego: “Num sentido ao mesmo tempo paradoxal e trivial, gostaria de dizer que os homens não são animais tão específicos porque possuem uma memória: mas somente porque se esforçam em não esquecer”. (GAGNEBIN, 2006, p. 192). E também ao citar Nietzsche (1844-1900), dialoga com Aristóteles: “Segundo Nietzsche, a memória não é primeira, mas somente *segunda*; ela só se instala quando o animal-homem é arrancado de um esquecimento primeiro, de um presente sem consciência nem palavras”. (GAGNEBIN, 2006, p. 190) A memória, portanto, é somente *segunda*, em decorrência do tempo que é necessário ter passado para que ela se manifeste.

O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), em *A Memória, a História, o Esquecimento* (2007) esclarece as palavras gregas para a distinção feita entre “ter uma lembrança” e “ir em busca de uma lembrança”:

⁶ Foi a partir de S. Tomás de Aquino que a Igreja passou a ter uma Filosofia e uma Teologia para a formação de seus padres.

os gregos tinham dois termos, *mnēmē* e *anamnēsis*, para designar, de um lado, a lembrança como aparecendo, passivamente no limite, a ponto de caracterizar sua vinda ao espírito como afecção – *pathos* –, de outro lado, a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação, *recollection*. A lembrança, alternadamente encontrada e buscada, situa-se, assim, no cruzamento de uma semântica com uma pragmática. Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança. Nesse sentido, a pergunta “como?” formulada pela *anamnēsis* tende a se desligar da pergunta “o que?” mais estritamente formulada pela *mnēse*. (RICOEUR, 2007, p. 24)

Assim, “ter uma lembrança” (*mnēmē*) está ligado à aparição da memória, a um determinado reconhecimento, e “ir em busca de uma lembrança” (*anamnēsis*) se relaciona ao ato da reminiscência, à recordação que “consiste numa busca ativa” (RICOEUR, 2007, p.37); àquela faculdade estritamente humana.

Paul Ricoeur traça um esboço fenomenológico da memória a partir de uma série de pares opacionais, que aqui será apenas resumido.

Primeiramente trata da relação entre *hábito* e *memória*, que o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) chamará de *memória-hábito* e *memória-lembrança* em sua obra *Matéria e Memória* (1999). O hábito se refere à memória que repete, a algo aprendido e que se faz automaticamente, como o próprio ato de falar. É algo espontâneo, adquirido. Já a memória precisa abstrair, imaginar. A lembrança de uma determinada leitura, por exemplo, seria uma representação, e não uma lição aprendida⁷.

O segundo par opacional é constituído pelo par *evocação/busca*, que retrabalha a distinção aristotélica entre *memória* e *reminiscência*. Sobre essa busca, essa reminiscência, Ricoeur vai lembrar que Platão a mitificara “ligando-a a um saber pré-natal do qual estaríamos afastados por um esquecimento ligado à inauguração da vida da alma num corpo [...]” (RICOEUR, 2007, p. 45-6). Essa busca, seria, assim, um reaprender do mundo das Ideias. Já Aristóteles rompe com essa relação; a busca aristotélica se refere a algo aprendido na vida natural. Ricoeur diz que a ruptura não é total, já que o *ana* de *anamnēsis* significa o recobrimento de algo anteriormente visto.

Paul Ricoeur ainda abordará a distinção bergsoniana entre “recordação laboriosa” e “recordação instantânea” (RICOEUR, 2007, p. 46); a relação entre o esforço de recordação e o esquecimento (p.48); a relação introduzida por Husserl entre retenção ou lembrança primária e reprodução ou lembrança secundária (p.49); e termina seu

⁷ Aqui e em outros momentos Paul Ricoeur dialoga bastante com Bergson.

esboço falando da polaridade entre *reflexividade* e *mundanidade*, (p. 53) ligado à oposição entre memória individual/memória coletiva, já que faz uma transição entre a memória corporal e a memória dos lugares.

Partindo agora para uma visão antropológica da memória, Joël Candau, em *Memória e Identidade*, percebe que há um consenso em reconhecer que “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAU, 2012, p. 9). Como está no próprio título da obra de Candau, o antropólogo observa como estão intimamente imbricados a memória com a identidade:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAU, 2012, p. 16).

Com efeito, essa dialética da memória e da identidade também produz muitos discursos ficcionais, já que a ficção se nutre da vida, e os romances escolhidos mostram bem como seus narradores se utilizam do discurso da reminiscência para marcarem o território de suas identidades, numa reconstrução atualizada de suas trajetórias. Paul Ricoeur defende que uma das finalidades principais do ato da memória é “lutar contra o esquecimento”. (RICOEUR, 2007, p. 48) Cita a expressão de Santo Agostinho, “memória do esquecimento”, para dizer que “boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer”. (RICOEUR, 2007, p. 48). Essa luta contra o esquecimento será uma das características problematizadas na construção desses heróis da literatura, que em muitos momentos filosofam sobre o próprio existir, lembrar e esquecer.

2 Recordar e sentir

Por que estou fazendo isso? Por que insisto em percorrer esses caminhos antigos, fatigados; por que essa compulsão de remexer velhas feridas e me fazer sangrar de novo?
(AUSTER, 2008, p. 48)

Um dos problemas discutidos pelos narradores é o fato de as lembranças suscitarem as sensações correspondentes àquelas. Assim reflete a personagem de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto (1881-1922):

Penso – não sei por que – que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de sofrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamente, me venham as sensações dolorosas já semimortas?" (BARRETO, 1997, p. 95).

De fato, sejam boas ou ruins, os narradores convergem na declaração de que as sensações são de fato reativadas pela reminiscência.

É como se lê em *Estorvo* (1991), de Chico Buarque (1944-), em que a potência da lembrança faz reavivar o olfato: "A lembrança me bate com tanta força que chego a sentir o cheiro da cabeça da minha irmã, que ela dizia que era do cabelo, e eu dizia que era da cabeça, porque ela mudava de shampoo e o cheiro continuava o mesmo [...]" (BUARQUE, 1991, p.65). A figura da lembrança que bate, em contraposição àquela lembrança que é buscada, alude ainda à temática da memória involuntária, que será vista no item a seguir.

Em *Azul-Corvo* (2010), de Adriana Lisboa (1970-), a narradora-personagem, que mora nos Estados Unidos, na busca pela memória de um passado no Rio de Janeiro, sente despertadas também algumas sensações:

Penso em Copacabana. Fecho os olhos e mesmo que eu escute *Acoustic Arábia* e tenha acendido um incenso japonês destinado a templos zen-budistas, o que chega aos sentidos, via memória, é um cheiro vago de maresia, um gosto vago de picolé de fruta misturado com areia e água do mar. E o ruído das ondas fervendo na areia, e a voz do vendedor de picolé sob o sol úmido do Rio. (LISBOA, 2010, p. 28)

Aqui uma mistura de percepções é detectada: o cheiro da maresia, o gosto de picolé com areia e água do mar; o ruído das ondas e da voz do vendedor de picolé. Através do pensamento em Copacabana a narradora consegue que tais sensações cheguem "aos sentidos, via memória".

À desconfiança de Isaías Caminha sucedem a certeza e a constatação dos narradores de *Estorvo* e de *Azul-Corvo* quanto à reativação da sensibilidade pela memória.

Henri Bergson, em *Matéria e Memória*, já afirmara: “A lembrança pura, à medida que se atualiza, tende a provocar no corpo todas as sensações correspondentes” (BERGSON, 1999, p. 152).

Bergson diferenciava lembrança pura, lembrança-imagem e percepção, embora as três coisas acontecessem simultaneamente:

A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem, por sua vez, participa da lembrança-pura que ela começa a materializar e da percepção na qual tende a se encarnar. (BERGSON, 1999, p. 155)

Para o filósofo, pois, a lembrança pura é uma virtualidade, algo inalterável; a lembrança-imagem é aquilo que se guardou na memória, e a percepção é o resgate e a interpretação dessa lembrança.

Isaías Caminha passa a ter “sensações dolorosas”; o narrador sem nome de *Estorvo* volta a sentir o cheiro do cabelo de sua irmã; e Vanja, de *Azul-Corvo*, tem, pela lembrança, uma sinestesia. São percepções re-sentidas pela materialização da lembrança-pura que um dia tiveram. E observe-se que, enquanto na narrativa de Lima Barreto a linguagem é construída através de uma hipótese, na de Chico Buarque a imagem é a da lembrança que “bate com tanta força”. Já na história de Adriana Lisboa o sentido olfativo simplesmente “chega”.

3 Memória involuntária

Muito importante para o estudo da reminiscência é a questão da memória involuntária, proposta por Marcel Proust na grandiosa obra que é *Em Busca do Tempo Perdido*. No final do primeiro capítulo do primeiro livro, *No Caminho de Swann*, o narrador, ao experimentar um chá com um bolinho, a famosa “Madeleine”, tem suscitadas em seu espírito inúmeras lembranças que serão a matéria-prima da obra. Tal episódio passa a ser o ponto de partida para que autor e críticos debatam a questão da memória voluntária em oposição à memória involuntária. É Proust quem afirma a ineficácia da memória voluntária:

Mas como o que eu então recordasse me seria fornecido unicamente pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado não conservam nada deste, nunca me teria lembrado de pensar no restante de Combray. (PROUST, 1985, p. 150)

Em *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub (1973-), no trecho a seguir, é possível fazer um diálogo com a obra proustiana, com uma associação ao fracasso da memória voluntária:

Eu não sou capaz de lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje (LAUB, 2011, p. 48).

Ao contrário do que ocorre em *Em Busca do Tempo Perdido*, em que um sabor remete ao passado de forma involuntária, aqui o narrador não consegue resgatar a lembrança justamente porque há uma tentativa racional de busca, e a interferência do presente se manifesta.

Em alguns outros romances brasileiros observa-se também um diálogo com a obra de Proust, seja de forma indireta ou mesmo direta. Em *O Amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos (1906-1994) por exemplo, lê-se o seguinte trecho que remete à memória involuntária:

Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical (ANJOS, 1975, p. 15).

Nesse caso, será o sentido da audição que despertará outras lembranças do narrador.

Por sua vez, também no mesmo romance, outro trecho conduz à ideia da ineficiência da memória voluntária, por meio da “busca” do passado:

Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos.
Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, aí de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir e se arremessou para trás, inapelavelmente. Vila Caraíbas, a montanha, o rio, o buritizal, a fazenda, a gameleira solitária no monte – que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910, ou apenas esboçados por um luar inesquecível que caiu sobre as coisas, naquela noite de 1907 – ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. (ANJOS, 1975, p. 72)

Novamente há um pensamento metamemorialístico que constata a incapacidade de remontar o passado sob uma atenta busca.

Em *Relato de Um Certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum (1952-), também não é o sabor, mas o cheiro, que ajuda na recomposição da memória do narrador:

Na infância há odores inesquecíveis. Durante esses anos de ausência, não sei se seria capaz de recompor na memória o corpo inteiro de Hindíé, mas o bafo que se despregava dela, mesmo à distância, me perseguiu como a golfada de um vento eterno vindo de muito longe. (HATOUM, 1989, p. 37)

Observe-se que é o cheiro de Hindíé que *persegue* o narrador, e não o narrador que *busca* tal lembrança olfativa.

Já em *Quase Memória* (1995), de Carlos Heitor Cony (1926-), o diálogo é direto:

Se me metesse a escrever um livro sobre o que está acontecendo, alguém acharia nesse embrulho, vindo brutal e inesperadamente do passado, uma referência, associação ou plágio da Madeleine de Proust – e aí me cobriam um romance. E como não há romance, além da pretensão, constatariam o meu fracasso.

Nada mais diferente, contudo, entre o biscoito de Proust e o embrulho do pai. A Madeleine trouxe o gosto que leva ao passado, ao passado geral, ao passado anterior ao passado, ao passado de depois do passado, o passado “ao lado” do passado.

O biscoito abriu as portas do tempo – do tempo perdido. Ora, o meu caso, ou melhor, o “meu” embrulho não me abre nada, muito menos o tempo. Se abria alguma coisa era o espaço – até então, nunca pensara organizadamente na única pessoa, no único personagem, no único tempo de um homem que, não sendo eu, era o tempo do qual eu mais participara.

E o meu não era um tempo perdido mas um tempo desperdiçado”. (CONY, 2003, p. 101)

Em *Balada da Infância Perdida* (1986), de Antônio Torres (1940-), quando se lê “O tique-taque não consegue devolver o já vivido” (TORRES, 1986, p. 135) e em outros trechos, percebe-se a ressonância da leitura de Proust, a quem já se referira explicitamente:

Também não me lembro de tudo o que aconteceu quando retornei àquela cidade, não apenas para beber com você ou ficar zanzando pelas madrugadas vazias, mas para tentar a minha própria sorte. Não deu certo. Eu ainda não tinha lido Marcel Proust (TORRES, 1986, p. 124).

Em *Cidade Livre* (2010), de João Almino (1950-) o narrador João se refere um passado que “se revela ao acaso”:

Nosso passado se esconde atrás de muros às vezes impenetráveis e se revela ao acaso, aqui e ali, quando o evocamos por meio de um indício, de uma palavra, de um cheiro, de um gosto, de um detalhe qualquer, como quem olha uma paisagem através de furos na parede. (ALMINO, 2010, p. 232)

Enquanto em *Balada da Infância Perdida* e em *Quase Memória* há uma referência direta a Marcel Proust, nos demais romances é apenas possível fazer tal conexão. Em trechos citados de *O Amanuense Belmiro*, de *Relato de um Certo Oriente* e de *Cidade Livre* se depreende o aparecimento da memória involuntária. Se no livro francês o sentido que faz evocar o passado é o gustativo, em *O Amanuense* será o auditivo, e em *Relato de um Certo Oriente* será o olfativo. Já em *Cidade Livre* há apenas a menção ao passado que se revela “ao acaso”.

Em *O Amanuense Belmiro* também há exemplo do malogro da memória voluntária. Assim também acontece em *Diário da Queda*⁸.

Jacy Alves de Seixas, em seu artigo “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais”, expõe que também para Bergson a *memória voluntária* “não atinge o pleno estatuto da memória, ela configura uma memória menor, essencial à vida, porém corriqueira e superficial, pois atada ao hábito e à ‘vida prática’, à repetição passiva e mecânica” (SEIXAS, 2004, p. 45). Cita Proust, que, em outro texto⁹ explica ainda a memória involuntária:

Para mim, a memória voluntária, que é sobretudo uma memória da inteligência e dos olhos, nos dá do passado apenas faces sem verdade; mas quando um odor, um sabor encontrados em circunstâncias muito diferentes despertam em nós, apesar de nós, o passado, sentimos o quanto este passado era diferente do que acreditávamos lembrar, e que nossa memória voluntária pintava, como o fazem os maus pintores, com cores sem verdade. (APUD SEIXAS, 2004, p. 46)

Depois de afirmar que Proust é ainda mais radical com relação à crítica à noção de memória voluntária, pois que esta é aviltada não só pelo hábito, mas também pela inteligência, conclui que a noção de *memória involuntária* conduz, tanto para Proust

⁸ Em *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, há um entrecruzamento da memória de dois vestidos, e é um episódio em que o narrador Eulálio crê enxergar, pela recordação, um elemento importante que resultara na morte de seu pai. E isso teria aparecido de forma aleatória, com uma memória remetendo à outra.

⁹ “Swann explique par Proust”, in *Essais et articles*. Paris: Gallimard, La Pléiade, 1971, p.558. (APUD BRESCIANI e NAXARA, 2004, 45).

quanto para Bergson, a “uma memória ‘mais elevada’, à ‘verdadeira memória’” (SEIXAS, 2004, p. 46). Em nota Jacy lembra que o termo “memória involuntária” não aparece em Bergson, mas “memória espontânea”, “memória lembrança”. (SEIXAS, 2004, p. 46)

Walter Benjamin (1892-1940), em seu texto “A imagem de Proust”, salienta que o importante para o autor que rememora “não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”, (BENJAMIN, 1994, p. 37) pois Proust não teria descrito em sua obra “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”. (BENJAMIN, 1994, p. 37) De fato, alheio ao que seria fiel a um “puro” acontecimento pretérito, o enfoque é àquilo que despertaria determinadas lembranças, já que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. (BENJAMIN, 1994, p. 37) Em “Sobre o conceito de História”, Benjamin afirmara que “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção” (BENJAMIN, 1994, p. 223), e tal pensamento se coaduna com o de Gagnebin quando esta afirma que:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 55)

De fato, a atenção ao presente pelo passado é uma característica inerente ao processo de constituição da identidade do sujeito. Nesse tecido da rememoração, trabalho de Penélope da reminiscência, seja com os fios da memória voluntária ou da involuntária, com os fios da ficção ou da filosofia, não se tem a preocupação de ver o trabalho pronto: faz-se e desfaz-se continuamente.

Referências

AGOSTINHO, A. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

ALMINO, João. *Cidade Livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Trad. J. A. Serrano. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

AUSTER, Paul. *Homem no Escuro*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

BENJAMIN, Walter. "A imagem de Proust". In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol.1. 7. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (1ª ed. 1985).

_____. "Sobre o conceito de História". In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol.1. 7. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (1ª ed. 1985).

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (Res) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.

BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012 (1ª ed. francesa:1998).

CONY, Carlos Heitor. *Quase Memória*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Publifolha, 2003.

DUSILEK, Adriana. *A representação da metamemória no romance brasileiro: um olhar sobre Olho de Rei, de Edgard Telles Ribeiro, e Olho Derramado, de Chico Buarque*. 202 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2013.

FROTA, Adolfo José de Souza. "Por uma mitologia literária da memória e do esquecimento: o papel da narrativa memorialista nos contos sobre Seymour Glass". *Espéculo. Revista de Estudios literários*. Universidad Complutense de Madrid. N.44, 2010. <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero44/mitglass.html>. Acessado em 24 de abril de 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HATOUM, Milton. *Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAUB, Michel. *Diário da Queda*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

LISBOA, Adriana. *Azul-Corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor). 15ª ed. Lisboa: Ática, 1995.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Fedro*. In: _____ *Diálogos I - Menon-Banquete-Fedro*. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Edições de Ouro/Tecnoprint, S/D.

POUILLON, Jean. *O Tempo no Romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. 9. ed. Porto Alegre: 1985.
RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento: seis ensaios da história das idéias*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. "Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais". In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (Res)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2004.

TORRES, Antônio. *Balada da Infância Perdida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Recebido em agosto de 2013.

Aceito em dezembro de 2013.